

# Psicanálise & Barroco em revista

(ISSN:1679-9887)

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

## EDITORIAL

*Denise Maurano Mello e Nilda Sirelli*

E brindamos o ano de 2016 com mais uma bela edição de Psicanálise e Barroco em Revista! Convidamos a todos a saborear conosco cada um dos textos que serão apresentados e que compõem nossa edição. Vamos a eles!

O artigo “**Adolescência e psicanálise: sobre a importância de acolher o sujeito recém-chegado**” de Aline Tavares e Sonia Alberti ressaltam que, na psicanálise de Freud com Lacan, a adolescência corresponde a uma etapa lógica de articulação do sujeito na estrutura, marcada pelo encontro com o sexo e com a falta no Outro. A partir desse pressuposto dialogam com alguns recortes do filme brasileiro *As melhores coisas do mundo*, dirigido por Laís Bodanzky e baseado na série de livros *Mano*, escritos por Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto. O filme apresenta um retrato paradigmático da adolescência: seu personagem principal encontra-se às voltas tanto com a angústia provocada pelo encontro com o real que o sexual implica, quanto com o fato de não poder mais sustentar uma posição idealizada junto a seus pais, o que o leva a se engajar no trabalho de se desligar da autoridade deles. Tempo de travessia, que não se faz sem um trabalho.

Como sabemos, a arte é uma via fecunda para a transmissão da psicanálise, Thales Alberto Fonseca Vicente no texto “**Da literatura à psicanálise: o luto poético de Manuel Bandeira**”, faz uma análise psicanalítica de algumas poesias de Manuel Bandeira, partindo de fatos de sua biografia e elementos presentes em sua obra poética, em especial, no que tange à temática da morte, marcante em sua vida e frequente em sua poesia. Para a análise, o autor se vale, principalmente, das noções de luto e de sublimação, tal como articuladas dentro da teoria psicanalítica.

Versando sobre o luto, o artigo **“A criança e o luto: a vivência da morte na infância”** de Ilana Côrtes e Nilda Martins Sirelli, aborda as especificidades do luto para a psicanálise, para pensar como uma criança poderia lidar com a morte. O luto é uma produção árdua de retorno aos traços que ligam o sujeito a um determinado objeto, até que ele possa incorporá-los, podendo se ver livre para investir em novos objetos. Diante de uma perda, o luto não é uma reação automática, ele pode não acontecer, e um luto não vivido não é sem efeitos, podendo produzir ainda mais sofrimento, e diversos sintomas, como depressões, fobias, e falta de investimento em si e na vida.

Assim, nem para todos o luto é um trabalho possível, o artigo **“Saturno e Nun: o desamparo e o ser em depressão”** de Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães evidencia isso. A autora situa o desamparo como núcleo constituinte na depressão, para isso, retoma a referência do astro e figura mitológica grega de Saturno e da mitologia egípcia, Nun, como representantes do Caos, e faz um levantamento do desamparo nas contribuições de Freud e dos psicanalistas contemporâneos Deloya e Fédida, entre outros.

Bernardo Sollar Godoi e Renata Viana Gomide, no artigo **“Uma leitura sobre o ato suicida na contemporaneidade”** evidencia ainda a impossibilidade de lidar com o mal-estar, que pode culminar pra além da depressão, em um ato suicida. Articulam a atuação frente o suicídio (*acting out* e passagem ao ato) ao contexto sociocultural contemporâneo, marcado pelo tabu da morte, a noção de maior vulnerabilidade a traumas, devido a uma possível redução da capacidade simbólica e as implicações derivadas da disseminação do discurso capitalista.

Ainda versando sobre as implicações do discurso contemporâneo, Sabrina de Oliveira Nésio e Juliana Motta no texto **“Anorexia: o impasse subjetivo para lidar com o corpo e a feminilidade”**, apontam que o crescente aparecimento da anorexia, em especial entre mulheres no início da idade adulta e adolescência, pode se articular a um imperativo do gozo contemporâneo que recai sobre o corpo da mulher, a lançando na busca de um ideal impossível. Pressupõem que a anorexia pode ser uma das formas encontradas pelo sujeito para lidar com o mal-estar estrutural ou a tentativa da construção da máscara feminina, de forma que a sintomatologia ao longo da história da civilização é própria a cada época.

Outra importante questão de nosso tempo, a ser pensada sob o olhar da psicanálise, se refere à inimizabilidade penal. Greta Fernandes Moreira e Betty B. Fuks no artigo **“Da inimizabilidade penal e da responsabilidade do sujeito no discurso da psicanálise”** analisam a questão da inimizabilidade penal, conceito jurídico referente à culpabilidade e conseqüente incapacidade do louco-criminoso em responder pelo ato infracional cometido, pela ótica da psicanálise, tomando por base as formulações lacanianas a respeito da constituição do sujeito a partir do campo da linguagem e de sua responsabilidade subjetiva. Já que, como ressalta Lacan no texto “A ciência e a verdade” (1966), “por nossa posição de sujeitos, somos sempre responsáveis”.

A organização de nossa sexualidade e a escolha objetal, é um tema que atravessa a história da humanidade, e ainda hoje nos permeia, sendo alvo constante de debates e preconceitos. O artigo **“O enigma pulsional na escolha do objeto de Sidonie Csillag, a jovem homossexual”**, de Carina Freitas Passos e Anamaria Silva Neves discute sobre o caminho que a pulsão percorre na escolha do objeto de Sidonie Csillag, caso apresentado por Freud no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Para tal os conceitos de pulsão e objeto são retomados na obra freudiana, e articulados com o caso clínico e com a biografia de Sidonie.

O artigo **“A escrita de caso clínico: um ritornelo em torno da falta”**, de *Cirlana Rodrigues de Souza* aponta que o caso clínico é testemunho da clínica psicanalítica, nele convergindo a pesquisa e o tratamento. Convergência que ocorre por meio da letra bordeando o enigma do caso, que se manterá como não-realizado, não-sabido na narrativa que se escreve e, assim, nos mostra como cada sujeito vai enfrentando o que há de real em sua experiência subjetiva. Esse ponto inassimilável, o “umbigo dos sonhos” é impossível de se escrever e, nessas condições, escrever um caso clínico é escancarar o buraco da boca de Irma, é fazer borda ao real.

Uma escrita é um modo de transmissão, que alcança efeitos muito além do que um autor pode saber enquanto escreve. Nesse sentido, a obra de Françoise Dolto ainda é prenha de conseqüências para o cenário psicanalítico, especialmente no que se refere à clínica com crianças. Francisco Lamartine Guedes Pinheiro e Letícia

Maria Teixeira Matos no artigo “**A influência de Françoise Dolto na clínica psicanalítica com crianças na atualidade**”, apresentam os pressupostos teóricos básicos de Françoise Dolto, e suas influências no cenário atual, fazendo contrapontos com outros importantes psicanalistas de crianças, como Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, para destacar as contribuições originais de Dolto.

Ainda tentando fazer borda ao real pela letra, Lacan recorre constantemente a matemas, topologia e esquemas diversos que possibilitem a transmissão da psicanálise. Márcio José da Silva, no artigo “**Considerações sobre o estádio do espelho e os esquemas ópticos de Lacan**” retoma os esquemas ópticos sob o olhar de um físico, apontando como ocorre a formação das imagens em situações físicas diferentes daquela que foi explorada por Lacan. A partir da teoria lacaniana, apresenta considerações que apontam para algumas interpretações possíveis de diferentes esquemas que possibilitam pensar a construção do narcisismo e da imagem especular.

Maurício de Novais Reis no texto “**Estrutura básica da clínica: da medicina moderna à psicanálise**” evidencia as modificações constantes que a clínica médica vem sofrendo, desde seu nascimento. Essas mudanças não se restringem a avanços tecnológicos, mas também às subversões semânticas de seu significado originário. Engendrando uma investigação acerca da clínica médica e, por extensão, psiquiátrica, este artigo possibilita uma reflexão acerca das similitudes e distorções existentes entre a clínica médica e psicanalítica. A clínica médica foi ponto de origem da psicanálise, mas, sabemos que Freud, cria um método de investigação próprio, e novas balizas éticas que sustentam a psicanálise como um saber autônomo com relação à clínica médica.

A questão das estruturas clínicas é um tema caro à psicanálise, sendo tema recorrente em nossas edições. Nesse sentido, o artigo “**Considerações sobre o amor na paranóia: Uma leitura a partir de Freud e Lacan**” de Antonio Garcia Neto apresenta os desdobramentos do amor na estrutura da psicose, na tipologia da paranóia. O percurso partiu da formação do sujeito do inconsciente, retomando o conceito nomeado por Freud de *Verwerfung*, e por Lacan da forclusão que apontam a posição do sujeito psicótico diante da castração, e que, certamente lhe conferem um modo específico de lidar com o amor. A emergência do fenômeno

amoroso é uma via de sustentação do laço social, na qual o sujeito pode reposiciona-se frente ao Outro e a seus efeitos, via que pode ser fecunda na psicose.

Abordando ainda o sujeito psicótico, Claudete Justino Correa e Magali Milene Silva, no texto “**Um estudo sobre o estatuto do supereu na psicose**” partem da premissa freudiana de que o supereu é herdeiro do complexo de Édipo, para daí pensarem as peculiaridades do Édipo na psicose. Destacam que Lacan atribui a forclusão como fator essencial da operação da psicose na castração, forcluindo o significante primordial, o Nome-do-Pai, que permite ao sujeito ancoragem simbólica e produção de significações. Contudo, o que foi forcluído ressurgiu no real, alucinatoriamente; o que não foi internalizado reaparece no real como a voz do Outro, por exemplo, o que parece evidenciar que o psicótico experimenta o Supereu no real.

Além dos artigos, para fechar com chave de ouro nossa edição, contamos ainda com duas resenhas: “**O supereu na lei mosaica: Resenha do filme *Bata antes de entrar***”, de Pedro Brocco e a resenha do livro “**Uma psicanálise possível**”, de Janaína Bianchi de Mattos.

A primeira, articula o filme *Bata antes de entrar (KnockKnock)*, lançado em 2015, com formulações da psicanálise acerca do supereu e da relação entre psicanálise e religião, sobretudo às formulações de Freud sobre o monoteísmo judaico. Neste sentido, o filme abre-se para interpretações que o ligam à noção de supereu que subjaz à Lei mosaica e às formulações de Lacan sobre a ética da psicanálise.

A segunda aponta os pontos principais apresentados no livro “Rio de Janeiro (1937-1959): Uma Psicanálise possível” de Maria Teresa Saraiva Melloni, onde a autora estabelece de forma primorosa uma compreensão analítica e histórica acerca da constituição do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro. Sabemos que compreender a história é um modo de poder olhar e atuar nos engendramentos do presente, e na constituição do que está por vir.

Para finalizar, ainda fomos presenteados com o ensaio “**O tempo, esse passante**”, de Maria Teresa Saraiva Melloni, que com uma escrita poética nos fala sobre a transitoriedade.

Desejamos a todos uma boa leitura!

© 2016 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>